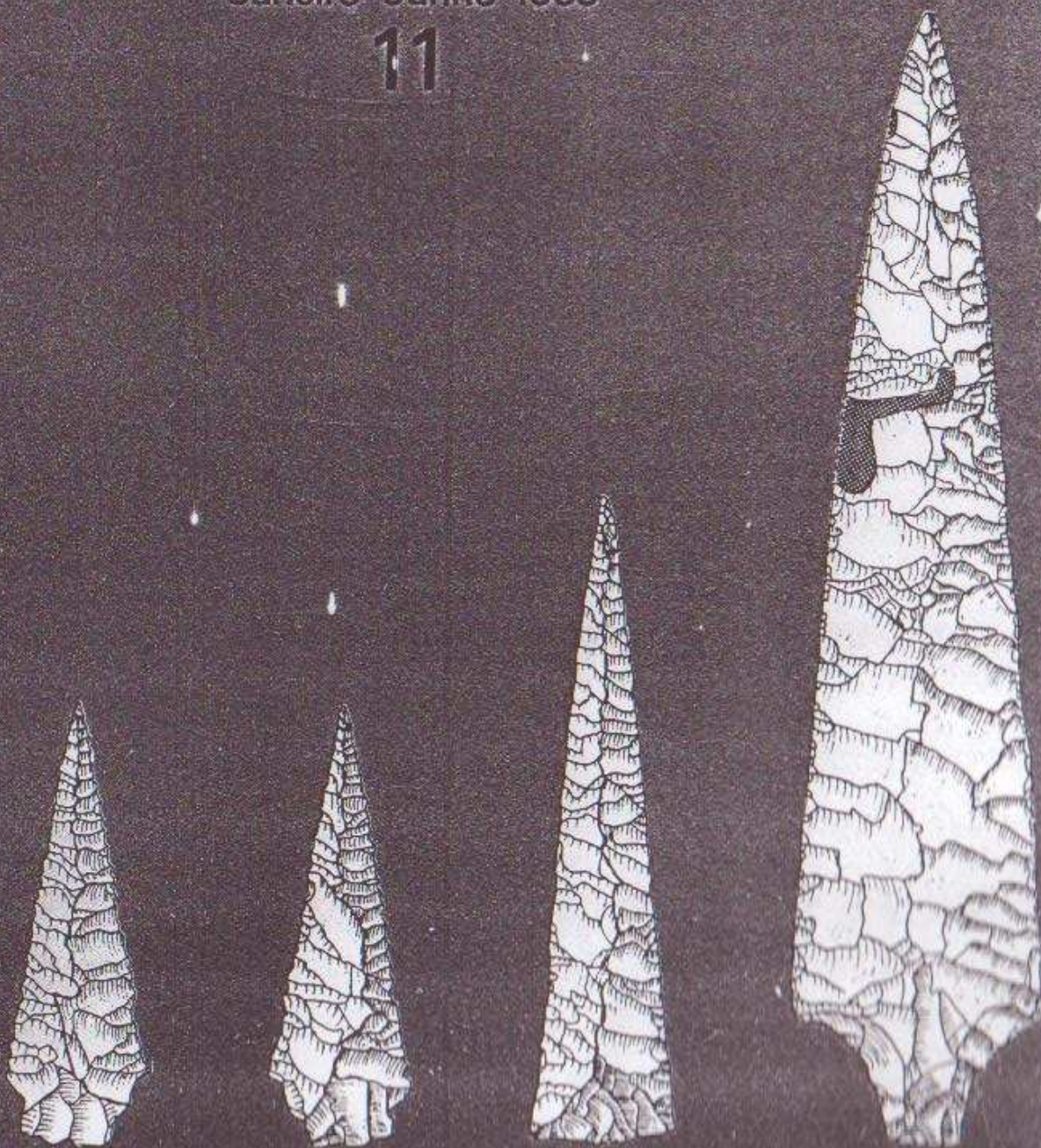


# REVISTA DE HISTÓRIA ECONOMICA E SOCIAL

Janeiro-Junho 1983

11



Livraria Sá da Costa Editora



---

## AS FEIRAS DE ESTREMOZ

### — uma primeira contribuição para o estudo dos mercados regionais no Antigo Regime

David Justino e Mafalda Soares da Cunha

com a colaboração de  
João Gonçalves da Silva

#### PRIMEIRA PARTE

0. O estudo das feiras em Portugal, exceptuando o trabalho pioneiro de Virgínia Rau para a Idade Média <sup>1</sup>, não tem merecido a atenção que pensamos lhe ser devida por parte da historiografia económica e social. É claro que a documentação sobre estas instituições económicas é escassa e a pouca que se consegue por vezes reunir não ultrapassa a informação qualitativa desgarrada ou o cômputo indiscriminado do seu número. No entanto, os problemas que se poderão levantar, decorrentes de uma necessária avaliação da sua importância e papel na estrutura económica, em geral, e no comércio interno, em particular, nem por isso deixam de assumir uma posição relevante para a compreensão da sociedade e economia portuguesas do Antigo Regime.

Num país onde a esmagadora maioria da população activa se emprega na agricultura, em que o grau de urbanização é relativamente baixo e em que a indústria existente é predominantemente oficial e doméstica, não será a feira o local privilegiado das trocas? A compartimentação regional, característica das sociedades e economias do Antigo Regime, consolidada por uma estrutura de transportes arcaica, até que ponto permite e incentiva esse comércio intermitente mas periódico? A produção industrial de origem oficial e doméstica, geralmente de baixa qualidade mas que responde a uma procura pouco exigente das populações rurais, em especial as de baixos e médios rendimentos, não estará dependente do pequeno trato de vendilhões, bufarinheiros e mercadores itinerantes, principais frequentadores das feiras?

1. Talvez o caminho mais indicado para responder a algumas destas questões passe por estudos de carácter local em que a documentação das administrações municipais nos pode fornecer alguns dados importantes. É o caso das listas para o arruamento das lojas das feiras de São Tiago e de Santo André, da vila de Estremoz.

---

<sup>1</sup> *Feiras Medievais Portuguesas — Subsídios para o Seu Estudo*, ed. Presença, Lisboa, 1982.



O arruamento das lojas decorria de dois tipos de preocupações por parte das autoridades locais: por um lado, uma maior facilidade e eficácia na cobrança do terrado, geralmente arrendada a particulares por arrematação em hasta pública, por outro, a necessidade de garantir a segurança da feira e da própria vila pela delimitação do espaço e pela regulamentação da concorrência através do ordenamento dos feirantes em ruas, de acordo com os produtos que vendiam. Esta preocupação com a segurança da feira era patente no facto de, nos instrumentos de arrematação da cobrança do terrado das feiras, se obrigar a «não ficar tindeyro nemhum fora das portas da feira, e todos hirão para dentro»<sup>2</sup>.

Conseguimos reunir 34 cadernos de arruamentos que cobrem, com lacunas consideráveis, o período compreendido entre 1747 e 1833, distribuídos da forma apresentada no quadro I. Neste está indicado, para cada uma das feiras reali-

QUADRO I  
Número de lojas arruadas nas feiras de Estremoz (1747-1783)

| Anos | Santo André |          | São Tiago |          |
|------|-------------|----------|-----------|----------|
|      | Alugadas    | Aforadas | Alugadas  | Aforadas |
| 1747 | 22          | —        | 55        | —        |
| 1748 | 128         | —        | 50        | —        |
| 1750 | —           | —        | 131       | —        |
| 1754 | 64          | —        | 124       | —        |
| 1777 | —           | —        | 119       | 9        |
| 1778 | —           | —        | 103       | 11       |
| 1780 | —           | —        | 91        | 13       |
| 1781 | —           | —        | 95        | 13       |
| 1782 | —           | —        | 99        | 13       |
| 1783 | 98          | 13       | —         | —        |
| 1785 | 83          | 11       | —         | —        |
| 1786 | 68          | 12       | —         | —        |
| 1787 | 75          | 12       | —         | —        |
| 1788 | 68          | 11       | —         | —        |
| 1789 | 57          | 11       | 97        | 10       |
| 1790 | 64          | 10       | 85        | 10       |
| 1822 | 68          | —        | —         | —        |
| 1823 | —           | —        | 130       | —        |
| 1824 | 74          | —        | 87        | —        |
| 1825 | 76          | —        | 103       | —        |
| 1826 | 16          | —        | 89        | —        |
| 1827 | 62          | —        | 78        | —        |
| 1832 | 63          | —        | 64        | —        |
| 1833 | —           | —        | 92        | —        |

<sup>2</sup> Arquivo da Câmara Municipal de Estremoz, Livro de Arrematações da Câmara de Estremoz, 1746 a 1758, «Instrumento de Arrematação da renda das feiras de 11 de Junho de 1746».



zadas em cada ano referido, o número total das lojas arruadas que pagavam terrado e das que estavam aforadas. Devido às falhas cronológicas existentes não foi possível construir duas séries contínuas comparáveis, tendo de se optar pelo agrupamento dos valores disponíveis, de modo que os conjuntos assim obtidos pudessem, sem problemas de maior, ser confrontados entre si numa perspectiva diacrónica.

Assim, para o primeiro período foram alugadas durante as sete feiras 574 lojas, valor que é largamente ultrapassado no período seguinte (1777-1785), em que se atinge o número de 711 lojas. Nos três períodos posteriores, os valores declinam progressivamente até ao mínimo de 464, em 1826-1833. Salientemos, contudo, que entre 1822 e 1825 existem dados para apenas 6 feiras, enquanto os restantes períodos incluem 7.

QUADRO II

Número de mercadores de loja presentes nas feiras de Estremoz  
nos períodos abaixo considerados

| Mercadores de                 | 1747-1754<br>[7 feiras] | 1777-1785<br>[7 feiras] | 1786-1790<br>[7 feiras] | 1822-1825<br>[6 feiras] | 1826-1833<br>[7 feiras] |
|-------------------------------|-------------------------|-------------------------|-------------------------|-------------------------|-------------------------|
| Panos de linho                | 84                      | *23                     | * 6                     | 115                     | 106                     |
| Panos da «terra»              | —                       | —                       | —                       | —                       | 2                       |
| Saragoças                     | 60                      | *35                     | *22                     | 34                      | 33                      |
| Baetas                        | 5                       | 6                       | 7                       | —                       | —                       |
| Mantas e alforjes             | —                       | —                       | —                       | 1                       | —                       |
| Algibeteiros                  | 24                      | 37                      | 25                      | 3                       | 1                       |
| Sombreireiros                 | 22                      | 33                      | 34                      | 24                      | 27                      |
| Capelistas                    | 30                      | 32                      | 29                      | 21                      | 14                      |
| Chocalhos e campalhas         | —                       | —                       | —                       | 2                       | 1                       |
| Caldeireiros                  | —                       | —                       | —                       | 12                      | 2                       |
| Agulheiros                    | —                       | —                       | —                       | 2                       | 3                       |
| Ferragens                     | —                       | —                       | 2                       | 31                      | 34                      |
| Estanho                       | —                       | 3                       | 4                       | 1                       | 1                       |
| Ourives                       | —                       | 1                       | 3                       | 10                      | —                       |
| Sapateiros                    | 95                      | 91                      | 73                      | 10                      | 2                       |
| Sola, couros e borracha       | —                       | —                       | —                       | 6                       | 1                       |
| Correiros                     | —                       | 1                       | —                       | 4                       | 8                       |
| Cordoeiros                    | 5                       | 5                       | 1                       | 1                       | —                       |
| Quinquilharias e curiosidades | 1                       | 6                       | 11                      | 6                       | 12                      |
| Livreiros                     | —                       | 1                       | —                       | —                       | —                       |
| Louça                         | —                       | —                       | —                       | 1                       | 1                       |
| Pez                           | —                       | —                       | —                       | —                       | 1                       |
| Adubos                        | —                       | —                       | —                       | 1                       | —                       |
| Comidas                       | —                       | —                       | —                       | 2                       | 2                       |
| Bebidas                       | 7                       | 28                      | 11                      | 15                      | 12                      |
| Indefinidos                   | 9                       | 18                      | 11                      | —                       | 7                       |
| Total                         | 342                     | 320                     | 239                     | 302                     | 270                     |

\* Não estão incluídos os mercadores com lojas aforadas.



2. Na primeira fase de análise da fonte esqueceremos um pouco a variável «lojas», já que se revelou preferível o estudo conjugado da inter-relação das variáveis «mercadores» e «produtos», a partir do qual é possível o conhecimento da distribuição espacial das proveniências dos mercadores e do tipo de produtos e a compreensão do seu comportamento do ponto de vista diacrónico. É neste contexto que se justifica a exclusão dos dados relativos aos foreiros de lojas, pois que a não indicação, por parte da fonte, de informações análogas às dos restantes mercadores (nome, residência) impede a sua integração no estudo, dentro da perspectiva delineada.

2.1. Para o conhecimento do tipo de produtos comercializados elaborámos o quadro II, em que, para cada um dos cinco períodos previamente definidos, assinalámos o número de mercadores presentes agrupados pelos bens que vendem. De um ponto de vista meramente descritivo é possível constatar que:

2.1.1. A maioria dos mercadores concorrentes a estas feiras comercializam produtos têxteis, fundamentalmente de vestuário e adereços, donde se destacam os de panos de linho e saragoças, os algibebees, os capelistas e os sombreireiros.

2.1.2. O segundo grupo em ordem de importância é composto por aqueles que transaccionam artefactos de curtumes, em especial sapatos.

2.1.3. Para além destes dois grupos, com um papel constante no funcionamento das feiras, surge um grande número de mercadores que concorrem com produtos diferentes daqueles que normalmente as caracterizam (livros, ourivesaria, quinquilharias, etc.) e que se multiplicam nos últimos anos referenciados.

2.1.4. Nos dois últimos períodos aparecem os mercadores de ferragens, que chegam a atingir números bastante significativos, indiciando uma possível generalização dos instrumentos agrícolas com maior incorporação de ferro.

2.2. Em relação à análise espacial pretendemos conhecer o modo como se articula a distribuição das origens dos mercadores com a do tipo de produtos. Construímos para tal os mapas I e II, onde é possível constatar desde logo quatro grandes zonas de importância desigual:

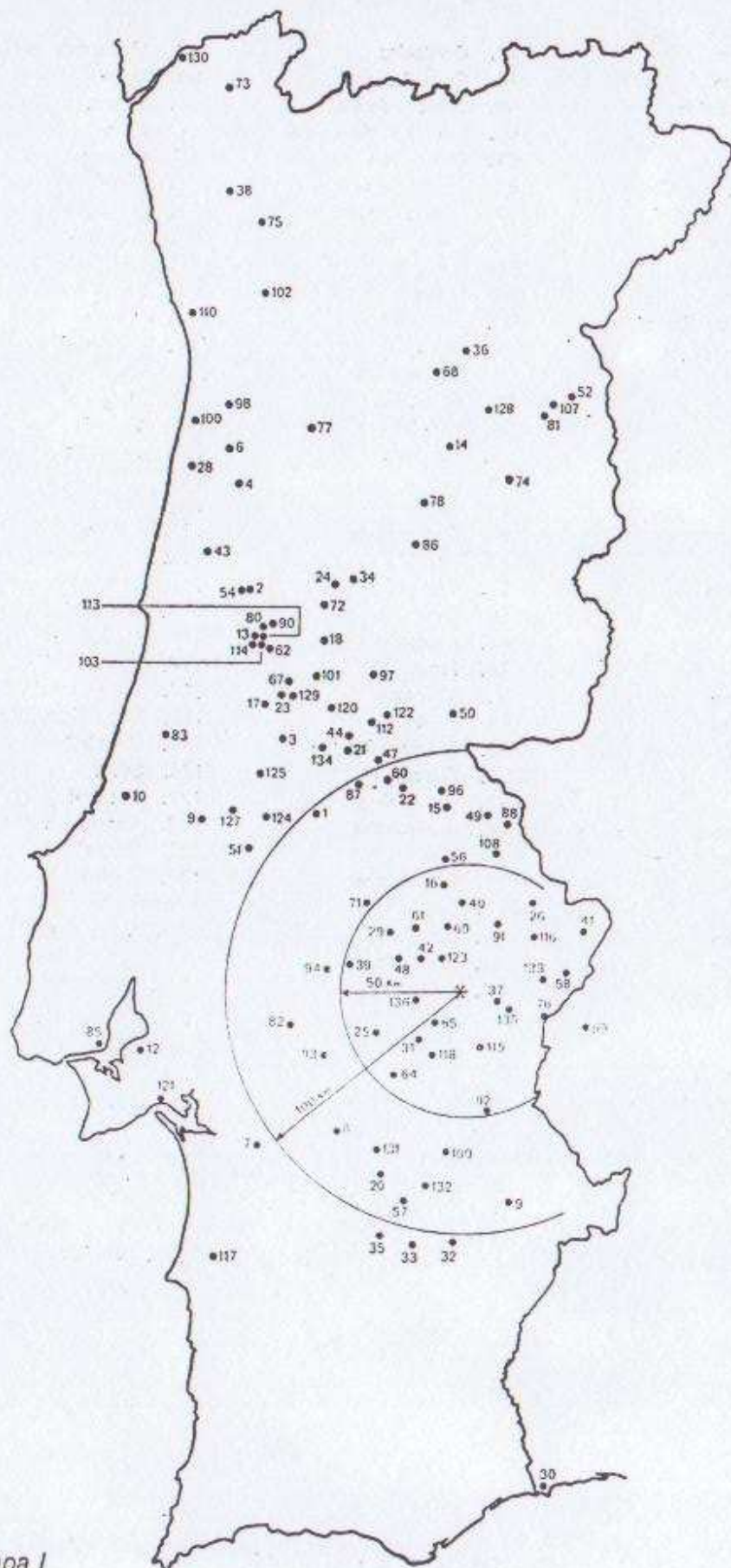
2.2.1. A região envolvente de Estremoz, que engloba todas as localidades situadas num raio de 100 km, é a que maior peso e importância possui nas feiras. Pelo quadro III verificamos que a maioria dos pontos de origem

QUADRO III  
Principais localidades de residência dos mercadores presentes  
nas feiras de Estremoz

|                                                                                  | 1747-1754     | 1777-1785     | 1786-1790     | 1822-1825     | 1826-1833     |
|----------------------------------------------------------------------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| Total de mercadores presentes                                                    | 342           | 320           | 239           | 302           | 270           |
| Mercadores presentes oriundos das 24 principais localidades                      | 264<br>(77 %) | 265<br>(83 %) | 181<br>(76 %) | 248<br>(82 %) | 204<br>(76 %) |
| Mercadores presentes oriundos das 13 principais localidades da região envolvente | 234<br>(68 %) | 249<br>(78 %) | 169<br>(71 %) | 148<br>(49 %) | 112<br>(42 %) |



Residência dos mercadores com loja nas feiras de Estremoz – 1747-1833



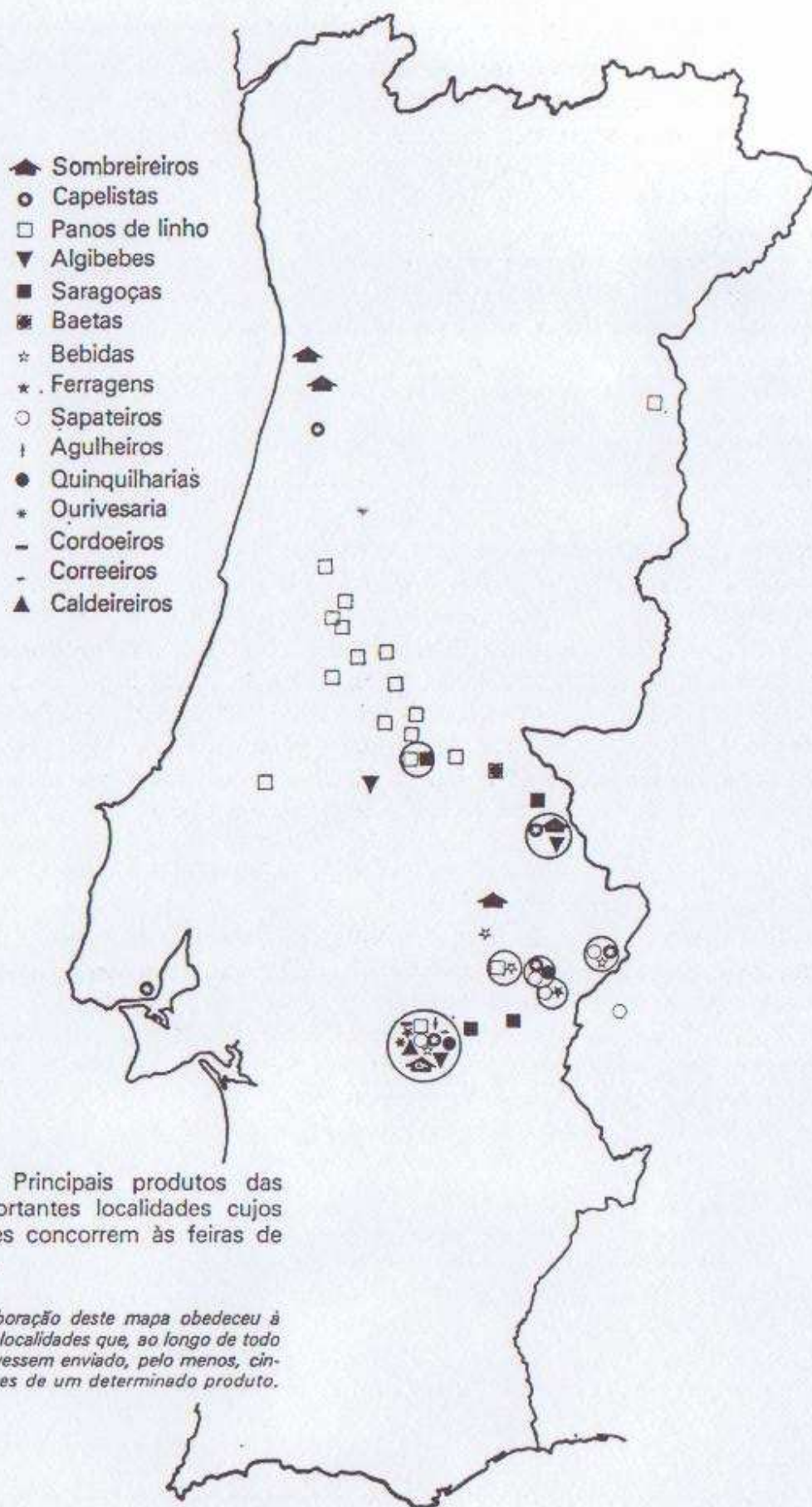


## Legendas do mapa I

- |                       |                                |                            |
|-----------------------|--------------------------------|----------------------------|
| 1. Abrantes           | 47. Carvoeiro                  | 93. Montemor-o-Novo        |
| 2. Afonseca           | 48. Casa Branca                | 94. Mora                   |
| 3. Águas Belas        | 49. Castelo de Vide            | 95. Moura                  |
| 4. Águeda             | 50. Cebolais de Cima           | 96. Nisa                   |
| 5. Aguda*             | 51. Chamusca                   | 97. Oleiros                |
| 6. Albergaria-a-Velha | 52. Cinco Vilas                | 98. Oliveira de Azeméis    |
| 7. Alcácer do Sal     | 53. Citrala (serra)            | 99. Olivença               |
| 8. Alcáçovas          | 54. Coimbra                    | 100. Pardilhó              |
| 9. Alcanena           | 55. Cortiçada*                 | 101. Pedrógão Grande       |
| 10. Alcobaca          | 56. Crato                      | 102. Penafiel              |
| 11. Aldeia da Serra*  | 57. Cuba                       | 103. Penela                |
| 12. Aldeia Galega     | 58. Elvas                      | 104. Peravela*             |
| 13. Alfaiar           | 59. Encarnação*                | 105. Perxo*                |
| 14. Algodres          | 60. Envendos                   | 106. Pinheiro*             |
| 15. Alpalhão          | 61. Ervedal                    | 107. Pinhel                |
| 16. Alter do Chão     | 62. Espinhal                   | 108. Portalegre            |
| 17. Alvaiázere        | 63. Estremoz                   | 109. Portel                |
| 18. Alvares           | 64. Évora                      | 110. Porto                 |
| 19. Alverca*          | 65. Évoramonte                 | 111. Póvoa*                |
| 20. Alvito            | 66. Feira                      | 112. Proença-a-Nova        |
| 21. Amendoa           | 67. Figueiró dos Vinhos        | 113. Podentes              |
| 22. Amieira           | 68. Freixinho                  | 114. Rabaçal               |
| 23. Arega             | 69. Fronteira                  | 115. Redondo               |
| 24. Arganil           | 70. Frouxão*                   | 116. Santa Eulália         |
| 25. Arraiolos         | 71. Galveias                   | 117. Santiago do Cacém     |
| 26. Arronches         | 72. Góis                       | 118. São Miguel de Machede |
| 27. Atalaia*          | 73. Granja (Couto)             | 119. Sardão*               |
| 28. Aveiro            | 74. Guarda                     | 120. Sertã                 |
| 29. Avis              | 75. Guimarães                  | 121. Setúbal               |
| 30. Ayamonte          | 76. Juromenha                  | 122. Sobreira Formos       |
| 31. Azaruja           | 77. Lafões                     | 123. Sousel                |
| 32. Baleizão          | 78. Lagarinhos                 | 124. Tancos                |
| 33. Beja              | 79. Lagosteira                 | 125. Tomar                 |
| 34. Benfeita          | 80. Lamas                      | 126. Torre do Curvo*       |
| 35. Beringel          | 81. Lameira                    | 127. Torres Novas          |
| 36. Beselga           | 82. Lavre                      | 128. Trancoso              |
| 37. Borba             | 83. Leiria                     | 129. Vale do Rio           |
| 38. Braga             | 84. Lotaria                    | 130. Valença do Minho      |
| 39. Cabeção           | 85. Lisboa                     | 131. Viana                 |
| 40. Cabeço de Vide    | 86. Louriga                    | 132. Vidigueira            |
| 41. Campo Maior       | 87. Mação                      | 133. Vila Boim             |
| 42. Cano              | 88. Marvão                     | 134. Vila de Rei           |
| 43. Cantanhede        | 89. Massares                   | 135. Vila Viçosa           |
| 44. Cardigos          | 90. Miranda do Crovo           |                            |
| 45. Caria*            | 91. Monforte                   |                            |
| 46. Carvalhal*        | 92. Monsaraz e Reguengos de... | 136. Vimieiro              |

\* Localidade não localizada e que não consta do mapa I.





*Mapa II: Principais produtos das mais importantes localidades cujos mercadores concorrem às feiras de Estremoz.*

*Nota: A elaboração deste mapa obedeceu à selecção das localidades que, ao longo de todo o período, tivessem enviado, pelo menos, cinco mercadores de um determinado produto.*



arrasta para Estremoz um número pequeno e irregular de feirantes; que a escolha das terras de contribuição mais relevante e regular (que ao longo de todo o período considerado tivessem enviado pelo menos 5 mercadores) reduz as 136 localidades recenseadas para 24, que asseguram sempre  $\frac{3}{4}$  das presenças; que, estreitando ainda mais os limites de importância, deparamos com um núcleo de 13 localidades que são, afinal, o sustento base das feiras de São Tiago e Santo André, e que se incluem dentro desta mancha envolvente de Estremoz.

A respeito dos produtos concorrentes, constatamos que é igualmente daqui que surgem com maior abundância e variedade. Évora prepondera simultaneamente no volume de bens que oferece e na sua diversidade, que vai do vestuário às quinquilharias, passando pelos vendedores de comidas e bebidas, pelos capelistas, até aos sapateiros, que chegam a atingir números extremamente elevados. Em termos decrescentes de importância apontemos ainda vilas como Borba, Vila Viçosa, Elvas e Portalegre, que concorrem igualmente com uma heterogeneidade de artefactos, se bem que se lhes possa atribuir já uma certa especialização: para Borba, capelistas e sapateiros; para Vila Viçosa, ferreiros e sapateiros, que compartilha com Elvas, enquanto para Portalegre temos sombreiros, algibebe e capelistas; Nisa detém o exclusivo das baetas e Redondo, Castelo de Vide e São Miguel de Machede partilham o fornecimento das saragoças.

2.2.2. A região a norte do Tejo, entre a cordilheira central e o maciço calcário estremenho, ou seja, *grosso modo*, a zona norte do actual distrito de Santarém, o interior do distrito de Leiria e a parte sul e sudeste do de Coimbra. É desta região, segunda em importância, que têm origem a maior parte dos mercadores de panos de linho que Fradesso da Silveira, em 1862, referencia como «vendilhões de pano de linho da Beira»<sup>3</sup>. Trata-se de vendedores ambulantes que percorrem todo o Alentejo sugerindo assim a ideia de circuito, regularmente estabelecido.

2.2.3. A região a norte da serra da Estrela, identificável com o actual distrito da Guarda, possui uma importância diminuta no conjunto destas feiras, apenas sobressaindo a povoação de Cinco Vilas, no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo. Esta, tal como as restantes povoações da região, é essencialmente fornecedora de panos de linho.

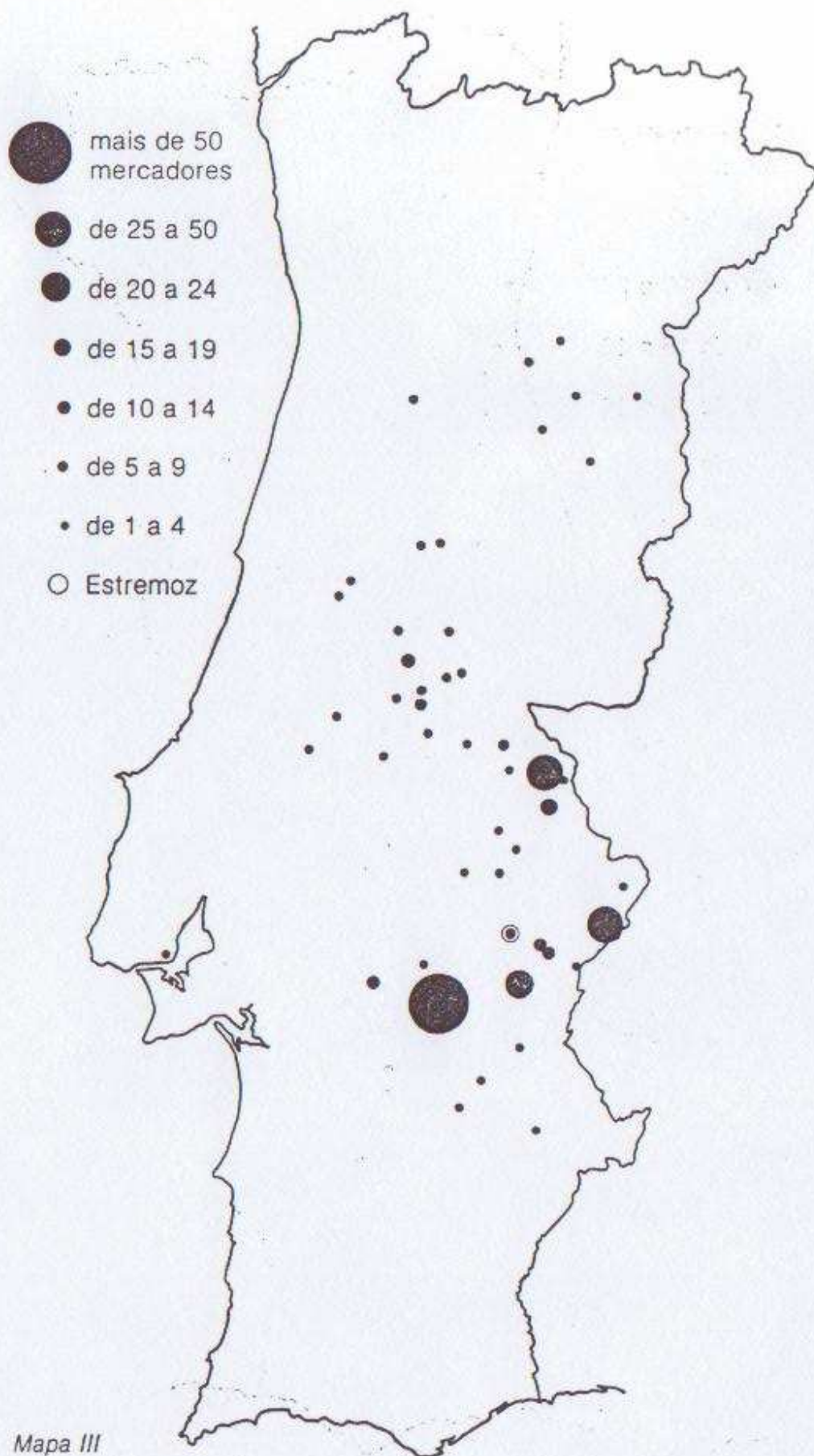
2.2.4. A faixa litoral desde o rio Minho ao Mondego, de que há apenas a destacar os sombreiros da Feira e de Oliveira de Azeméis e os capelistas da região do Vouga, em particular de Albergaria-a-Velha.

3. Esta primeira abordagem dos dados como que colocou entre parêntesis o factor tempo. A análise espacial pretendeu abarcar, para todo o período, as contribuições de cada região e principais localidades, visando estabelecer a configuração geográfica das áreas de influência predominantes nas feiras de Estremoz, ao mesmo tempo que definia a sua hierarquização. Importa agora detectar os movimentos de aproximação ou afastamento enquadrados pelas diversas situações conjunturais, o mesmo é dizer, compreender como cada região vê a sua importância aumentar ou diminuir no conjunto das diferentes regiões comprometidas, de acordo com uma perspectiva diacrónica.

<sup>3</sup> Joaquim Henriques Fradesso da Silveira, *Inquérito de 1862-1863 — Indagações Relativas aos Tecidos de Lã*, Conselho Geral das Alfândegas, Imprensa Nacional, Lisboa, 1864, p. 57.

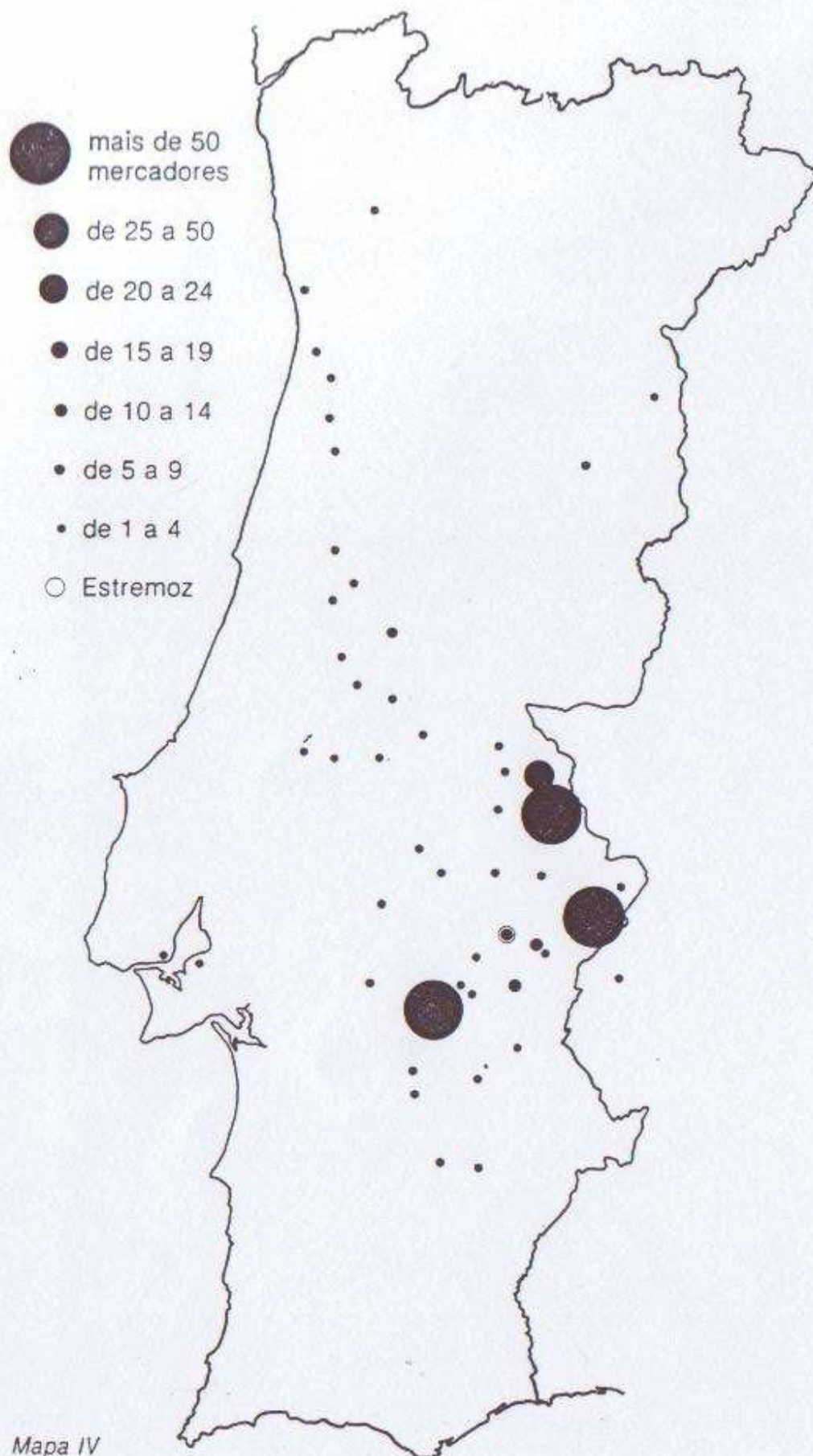


Origem dos mercadores segundo o seu número — 1747-54



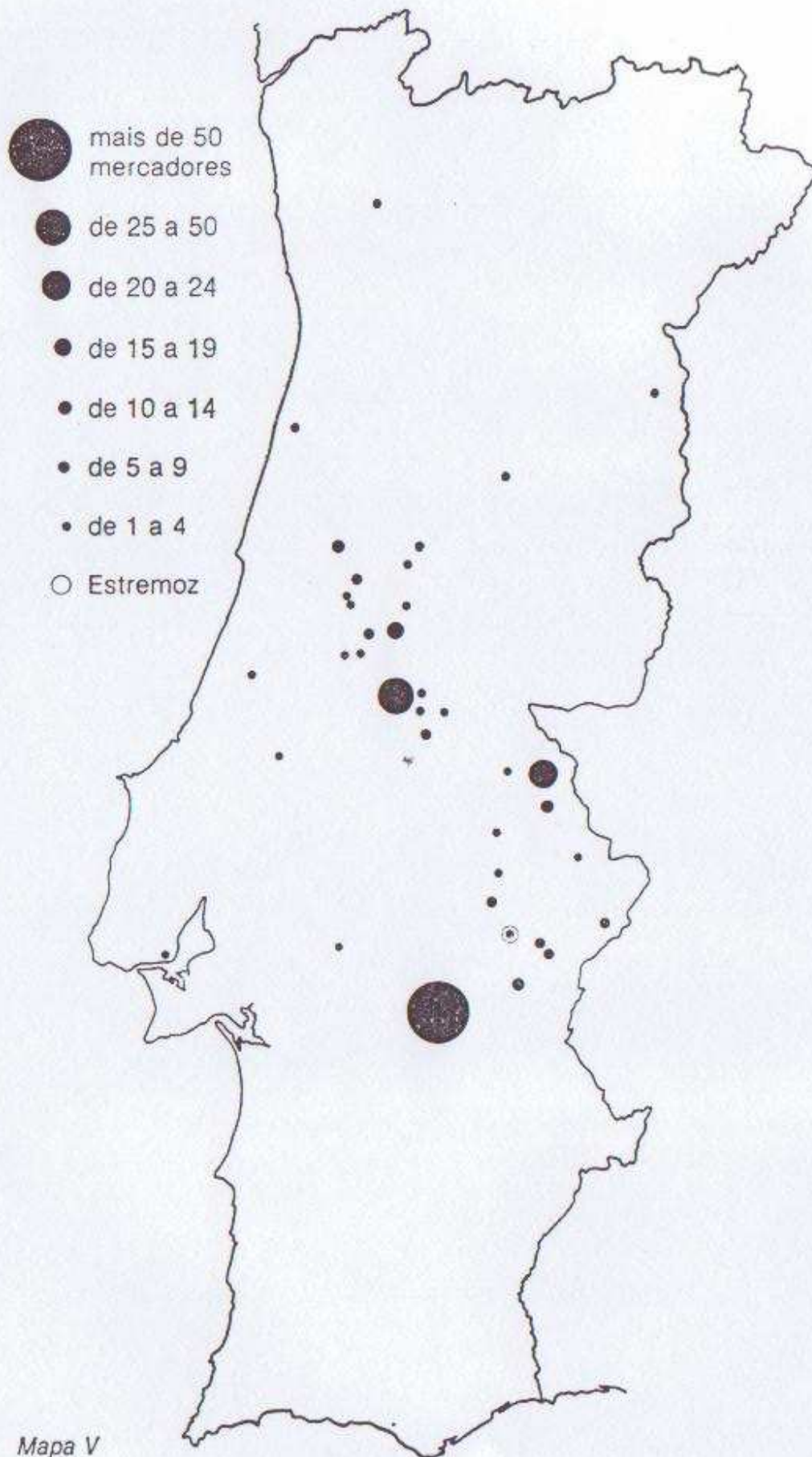


Origem dos mercadores segundo o seu número — 1777-85





Origem dos mercadores segundo o seu número — 1822-25





Q. IV

## Número de lojas alugadas e aforadas nas feiras de Estremoz e o tipo de produtos comercializados (1747-1833)

| Anos | Pano de linho |           | Saragoças   |           | Sombrieiros |           | Alibetêtos  |           | Capelistas  |           | Sapeiros    |           | Ferreiros   |           |
|------|---------------|-----------|-------------|-----------|-------------|-----------|-------------|-----------|-------------|-----------|-------------|-----------|-------------|-----------|
|      | Santo André   | São Tiago | Santo André | São Tiago | Santo André | São Tiago | Santo André | São Tiago | Santo André | São Tiago | Santo André | São Tiago | Santo André | São Tiago |
|      | Alg.          | Alt.      | Alg.        | Alt.      | Alg.        | Alt.      | Alg.        | Alt.      | Alg.        | Alt.      | Alg.        | Alt.      | Alg.        | Alt.      |
| 1747 | —             | —         | 36          | —         | 22          | —         | 19          | —         | —           | —         | —           | —         | —           | —         |
| 1748 | 20            | —         | 31          | —         | 17          | —         | 19          | —         | —           | —         | 65          | —         | —           | —         |
| 1750 | —             | —         | 25          | —         | —           | —         | 16          | —         | —           | —         | 17          | —         | 39          | —         |
| 1754 | —             | —         | 21          | —         | 16          | —         | 17          | —         | 1           | 13        | 6           | 9         | 5           | 10        |
| 1777 | —             | —         | 7           | 9         | —           | —         | 15          | —         | —           | 11        | —           | 19        | —           | —         |
| 1778 | —             | —         | 10          | 9         | —           | —         | 14          | 2         | —           | 10        | —           | 17        | —           | —         |
| 1780 | —             | —         | 4           | 11        | —           | —         | 8           | 2         | —           | 14        | —           | 13        | —           | —         |
| 1781 | —             | —         | 5           | 11        | —           | —         | 10          | 2         | —           | 13        | —           | 14        | —           | —         |
| 1782 | —             | —         | 5           | 11        | —           | —         | 11          | 2         | —           | 18        | 20          | 18        | —           | —         |
| 1783 | 3             | 11        | —           | —         | 11          | 2         | —           | —         | 10          | —         | —           | —         | 4           | —         |
| 1785 | 2             | 9         | —           | —         | 8           | 2         | —           | —         | 9           | —         | 16          | —         | 3           | —         |
| 1786 | 2             | 10        | —           | —         | 4           | 2         | —           | —         | 7           | —         | 14          | —         | 6           | —         |
| 1787 | —             | 10        | —           | —         | 5           | 2         | —           | —         | 4           | —         | 14          | —         | 6           | —         |
| 1788 | —             | 9         | —           | —         | 5           | 2         | —           | —         | 6           | —         | 16          | —         | 6           | —         |
| 1789 | 1             | 9         | —           | 8         | 6           | 2         | 9           | 2         | 6           | 16        | 14          | 17        | 3           | 9         |
| 1790 | 1             | 8         | 3           | 8         | 6           | 2         | 6           | 2         | 6           | 20        | 13          | 13        | 7           | 9         |
| 1822 | 27            | —         | —           | —         | 12          | —         | —           | —         | 7           | —         | —           | —         | 12          | —         |
| 1823 | —             | —         | 44          | —         | —           | —         | 13          | —         | —           | 14        | —           | —         | —           | —         |
| 1824 | 21            | —         | 33          | 8         | 17          | —         | 8           | —         | 9           | 11        | —           | 1         | —           | —         |
| 1825 | 24            | —         | 43          | —         | 10          | —         | 7           | —         | 7           | 15        | —           | 2         | 4           | —         |
| 1826 | 8             | —         | 31          | —         | 6           | —         | 7           | —         | —           | 13        | —           | —         | —           | —         |
| 1827 | 24            | —         | 34          | —         | 14          | —         | 9           | —         | 9           | 13        | —           | —         | —           | —         |
| 1832 | 21            | —         | 25          | —         | 10          | —         | 10          | —         | 6           | 8         | 1           | 1         | 3           | —         |
| 1833 | 31            | —         | —           | —         | 6           | —         | —           | —         | 8           | —         | —           | —         | 16          | —         |



Assim, interessa-nos a análise segundo dois vectores que se integram:

- o das proveniências dos mercadores para cujo estudo seleccionámos os três períodos que nos pareceram mais relevantes de acordo com a conjuntura económica — 1747-1754, 1777-1785 e 1822-1825, cartografadas nos mapas III, IV e V;
- o dos produtos principais, que complementarás o primeiro vector, cujos dados estão representados no quadro IV.

Uma primeira leitura faz ressaltar simultaneamente o predomínio constante da região envolvente e do seu centro urbano principal, Évora, e a instabilidade de todos os produtos concorrentes.

A região envolvente aumenta inicialmente a sua importância de 68 % para 78 % entre 1747-1754 e 1777-1785, descendo de forma significativa no terceiro período considerado para 49 % (vide quadro III). Em contrapartida, as duas regiões da Beira assistem a movimentos de sinal contrário: na passagem do primeiro para o segundo período sofrem um decréscimo de valor, subindo em 1822-1825 para números nunca atingidos anteriormente. Essas duas grandes regiões, a alentejana e a beirã, têm, portanto, movimentos inversos; o declínio de uma implica a ascensão da outra, conduzindo ao nivelamento dos graus de influência sobre as feiras de São Tiago e Santo André.

A explicação deste fenómeno residirá na especialização que cada uma destas regiões parece progressivamente delinear em relação aos principais produtos comercializados. A região envolvente oferece uma gama variada de bens, de que Évora é o exemplo mais significativo, sendo talvez essa a razão por que ambas aumentam de volume de feirantes enviados do primeiro para o segundo período, já que se assistiu então a um incremento da concorrência de sombreireiros, algibebes e capelistas. E essa época, em que se verifica um declínio da concorrência dos mercadores de artefactos têxteis, assiste, obviamente, à diminuição de importância das suas zonas de origem preferenciais: a zona da Beira para os panos de linho e a do Redondo e de Castelo de Vide para as saragoças.

O confronto das duas fases seguintes leva à constatação do fenómeno inverso. A baixa, se bem que pouco importante, do número de sombreireiros e capelistas, a par com a descida estrondosa dos sapateiros e algibebes, vai reduzir substancialmente o peso da região alentejana, enquanto o aumento dos panos de linho e até das saragoças justifica a recuperação da região beirã.

Resta explicar a discrepância de comportamentos entre Évora e a restante mancha envolvente verificada durante a década de 20 do século XIX. Évora mantém a importância que detinha. A razão situar-se-á no facto de ser o maior centro populacional dessa região, dotado de uma produção oficial e de um comércio sem possibilidades de equiparação aos de qualquer outro aglomerado populacional e, como tal, apesar de não possuir dimensão demográfica real que a permita classificar como centro urbano, acaba por emergir do quadro da ruralidade dominante e assume, em relação a ele, funções tipicamente urbanas.



## SEGUNDA PARTE

O. Não obstante a existência de dados seriados indicativos da afluência de mercadores e lojas que apresentámos na primeira parte, a falta de continuidade, decorrente das lacunas consideráveis em determinados períodos, e a falta de homogeneidade, patente na diferença entre as duas feiras, inviabilizam um estudo sólido sobre a evolução global das mesmas. Tivemos, assim, de recorrer a um outro tipo de fonte que nos indiciasse o comportamento e grau de importância das feiras ao longo do século XVIII e primeiro terço do século XIX.

Esse objectivo foi parcialmente atingido com a construção de uma série dos valores por que foi arrematada a cobrança do «terrado» das feiras. Qual o significado desses valores? A cobrança do imposto de terrado que constituía uma das receitas da câmara era geralmente arrendada, por meio de arrematação em hasta pública, antes da realização da primeira feira de cada ano, a um particular que oferecesse maior lanço, o qual se encarregaria, durante as duas feiras desse ano, de cobrar aos lojistas o referido imposto. Geralmente esse valor traduzia a previsão de uma maior ou menor afluência de mercadores de lojas, em grande parte ponderado pelo único indicador seguro que seria o ganho ou a perda que este mesmo negócio haveria proporcionado no ano pretérito.

Será para muitos casos extremamente discutível a utilização deste tipo de fonte, em especial se desejarmos realizar uma análise de curto prazo; no entanto, ela poderá traduzir, em termos de médio e longo prazos, um indicador razoável da concorrência de mercadores de loja, o mesmo é dizer, da afluência de produtos industriais às feiras de Estremoz. Poderemos, por outro lado, cotejar as grandes linhas evolutivas com outros indicadores, como sejam a marcha dos preços <sup>4</sup> e a cronologia dos surtos industrializadores que a historiografia económica, em geral, e a obra de Jorge Borges de Macedo, em particular, nos legaram <sup>5</sup>.

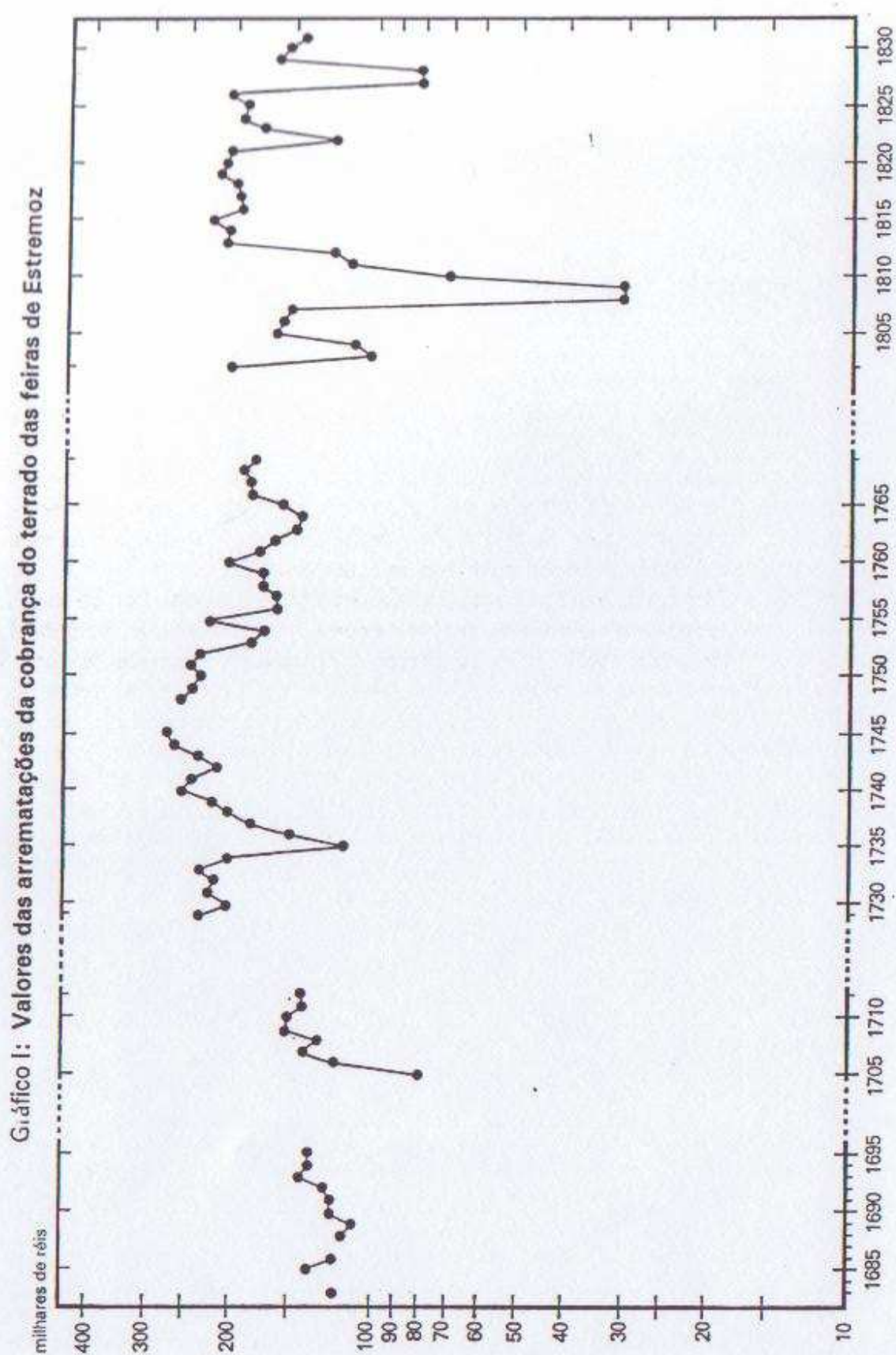
1. Dos seis *livros de arrematações* existentes no arquivo da Câmara Municipal de Estremoz extralhos os dados que estão representados no gráfico 1 e no quadro V, constituindo uma série relativamente longa — ainda que para determinados períodos nos apresente lacunas derivadas do extravio dos códices —, a qual passaremos de imediato a analisar.

1.1. Os dois primeiros períodos cobrem os anos que vão de 1683 a 1695 e de 1705 a 1712. À excepção do ano de 1705, todos os valores se situam entre os 110 000 e os 150 000 réis e a média conjunta cifra-se em 127 895 réis. Em termos de evolução de preços dos produtos agrícolas, estes dois períodos enquadram-se em conjunturas diferentes: o primeiro configura uma cava cíclica que inflecte para a alta na passagem da década de 80 para a seguinte, o segundo

<sup>4</sup> Sobre a evolução dos preços em Portugal durante o período em estudo socorremo-nos fundamentalmente de: V. M. Godinho, *Prix et Monnaies au Portugal, 1750-1850*; Armand Colin, Paris, 1955; V. Coelho, «Preços do Azeite em Lisboa: 1626-1733 — Tentativa de compreensão analítico-sintética», in *Revista de História Económica e Social*, n.º 4, Ed. Sá da Costa, Lisboa, 1979; D. Justino, «Crises e 'decadência' da economia cerealífera alentejana no século XVIII — Contribuição para o seu estudo a partir da análise das séries dos preços regionais do trigo e da cevada (1684-1820)», in *Revista de História Económica e Social*, n.º 7, Lisboa, 1981.

<sup>5</sup> *Problemas de História da Indústria Portuguesa no Século XVIII*, Ed. Querco, Lisboa, 1982.







QUADRO V

Valores das arrematações da cobrança do terrado das feiras de Estremoz

| Ano  | Réis    | Ano  | Réis    | Ano  | Réis    |
|------|---------|------|---------|------|---------|
| 1683 | 120 000 | 1738 | 201 000 | 1802 | 200 100 |
| 1685 | 136 000 | 1739 | 216 000 | 1803 | 102 000 |
| 1686 | 120 000 | 1740 | 251 100 | 1804 | 110 000 |
| 1688 | 115 000 | 1741 | 236 000 | 1805 | 160 000 |
| 1689 | 110 000 | 1742 | 213 000 | 1806 | 155 000 |
| 1690 | 121 000 | 1743 | 230 000 | 1807 | 150 000 |
| 1691 | 122 000 | 1744 | 259 900 | 1808 | 30 000  |
| 1692 | 125 000 | 1745 | 268 000 | 1809 | 30 000  |
| 1693 | 141 000 | 1748 | 252 000 | 1810 | 69 400  |
| 1694 | 135 000 | 1749 | 238 000 | 1811 | 111 000 |
| 1695 | 135 000 | 1750 | 230 000 | 1812 | 120 000 |
| 1705 | 80 000  | 1751 | 240 000 | 1813 | 205 000 |
| 1706 | 120 000 | 1752 | 231 000 | 1814 | 201 500 |
| 1707 | 140 000 | 1753 | 180 000 | 1815 | 218 000 |
| 1708 | 130 000 | 1754 | 170 000 | 1816 | 190 000 |
| 1709 | 150 000 | 1755 | 221 300 | 1817 | 191 000 |
| 1710 | 150 000 | 1756 | 160 000 | 1818 | 194 000 |
| 1711 | 140 000 | 1757 | 160 000 | 1819 | 210 000 |
| 1712 | 140 000 | 1758 | 170 000 | 1820 | 205 100 |
| 1729 | 230 500 | 1759 | 170 000 | 1821 | 200 000 |
| 1730 | 200 000 | 1760 | 201 600 | 1822 | 120 000 |
| 1731 | 220 000 | 1761 | 172 000 | 1823 | 170 000 |
| 1732 | 215 500 | 1762 | 162 000 | 1824 | 190 000 |
| 1733 | 230 000 | 1763 | 145 500 | 1825 | 184 000 |
| 1734 | 200 000 | 1764 | 141 500 | 1826 | 200 000 |
| 1735 | 115 000 | 1765 | 155 000 | 1827 | 80 000  |
| 1736 | 150 000 | 1766 | 180 600 | 1828 | 80 000  |
| 1737 | 180 000 | 1767 | 180 000 | 1829 | 160 500 |
|      |         | 1768 | 184 000 | 1830 | 151 000 |
|      |         | 1769 | 176 000 | 1831 | 140 000 |
|      |         |      |         | —    | —       |

**Fonte:** Arquivo Municipal de Estremoz, *Livros de Arrematações* (1683-1695, 1705-1730, 1732-1745, 1746-1758, 1801-1811, 1811-1821 e 1821-1831).

insere-se no prolongamento dessa alta, que se mantém até 1712-1715. Os valores das arrematações não têm, na sua evolução, um comportamento proporcionado ao dos preços. Estes não são acompanhados, no movimento ascendente que delineiam, pelos valores das arrematações que, em relação ao período de finais de seiscentos, apenas esboçam um ligeiríssimo aumento.

1.2. Depois de uma lacuna de dezassete anos a série dos valores das arrematações reinicia-se em 1729 a um nível significativamente superior ao anterior, que se mantém, salvo a quebra verificada entre 1735 e 1737, até 1752. A média durante este período foi de 218 477 réis e as variações processaram-se entre um máximo de 268 000 réis verificado em 1745 e um mínimo de 115 000 em 1735, ano de crise generalizada da economia do Portugal meridional.



A este período de aparente prosperidade da feira de Estremoz corresponde uma estagnação persistente dos preços a um nível extremamente baixo, ou seja, o comportamento dos valores das arrematações é, a médio e longo prazo, inverso do dos preços agrícolas.

1.3. A partir de 1753 indicia-se uma quebra significativa da actividade feirante que se consolida a partir de 1756, mantendo-se até 1769, altura em que se interrompe novamente a série. A média dos valores das arrematações desce para 172 377 réis e a sua tendência é descendente até atingir o mínimo em 1764; a recuperação, embora verificada no quinquénio seguinte, não voltará a atingir os altos valores verificados na primeira metade do século. Ora, é a partir de 1756 que a evolução dos preços configura uma inversão da tendência baixista para a alta secular que caracteriza a segunda metade do século XVIII e princípios do século XIX. Essa inversão é provocada, de acordo com o estudo de David Justino <sup>6</sup>, por um conjunto de crises cerealíferas cujos efeitos são agravados pela sua persistência e posteriormente pelo conflito luso-espanhol de 1762, os quais vão provocar uma crise prolongada da economia alentejana. Em relação ao período anterior, processa-se neste uma inversão no comportamento das variáveis; no entanto, a evolução dos valores das arrematações e a dos preços agrícolas continua a processar-se por caminhos opostos: agora os preços estão em fase ascendente e os valores das arrematações descendente.

1.4. Só para o primeiro terço do século XIX voltamos a poder dispor de informação das arrematações, cujos valores constituem série contínua desde 1802 até 1831. A primeira década do século constitui um período específico caracterizado por grandes variações de ano para ano, com certeza condicionado pela perturbação provocada pelas crises de subsistência nos primeiros anos e, posteriormente, pelas invasões francesas. Se aquelas se traduzem na baixa dos valores verificada em 1803 e 1804, estas últimas são responsáveis pelas quebras excepcionais de 1808 a 1810. Os preços agrícolas neste período atingem os seus mais altos valores, culminando a alta tendencial que se vinha verificando desde 1756.

1.5. A partir de 1813-1814 esboçam-se os primeiros sinais de recuperação, que se mantêm até, pelo menos, 1826. Nestes treze anos o nível atingido pelos valores das arrematações é idêntico, senão ligeiramente superior, ao verificado entre 1753-1769, o que sugere um retomar da actividade da feira de Estremoz que, não sendo espectacular, é, com certeza, assinalável pelo tão curto período em que se processa. Os sinais de quebra deste movimento de recuperação verificam-se a partir de 1827: as dificuldades económicas do País, agravadas pelas lutas liberais, terão com certeza um papel relevante no inflectir da tendência.

2. Tentando fazer um balanço da análise realizada no ponto anterior desejaríamos salientar alguns aspectos que mais não pretendem ser que pistas interpretativas a serem ponderadas por investigações futuras que desejamos efectuar.

Em primeiro lugar, a relação existente entre a evolução dos valores das arrematações da cobrança do terrado e a dos preços agrícolas no Alentejo. Trata-se de uma relação inversa das duas variáveis económicas verificável não

---

<sup>6</sup> Ob. cit., p. 52.



tanto na curta duração e mais na média e longa. Ora, se considerarmos o valor das arrematações como um razoável indicador da concorrência de mercadores de loja que transaccionam fundamentalmente produtos manufacturados, concluiremos que esta é maior nos períodos de baixa de preços, tal como se verificou em 1729-1752 e 1813-1826, e menor nos de alta, como se verificou para 1705-1712, 1753(6)-1769 e 1802-1812.

Em segundo lugar e decorrente do que acabámos de salientar, os períodos onde os valores das arrematações são mais elevados, ou seja, 1729-1752 e 1813-1826, coincidem, em parte, com surtos industrializadores: o primeiro, que Borges de Macedo situa entre 1720 e 1740 <sup>7</sup>, de carácter manufactureiro, o segundo, com o que Vitorino Magalhães Godinho designou de arranque industrial que precedeu a Revolução de 1820 e que Borges de Macedo apenas designou de «modesto recomeço das actividades» <sup>8</sup>. Pouco poderemos dizer do período industrializador dos anos 70 do século XVIII por falta de dados referentes a arrematações para essa época; no entanto, o número de lojas recenseadas, a que fizemos referência na primeira parte deste trabalho, é considerável e de algum modo confirma as correlações detectadas entre desenvolvimento comercial das feiras, baixa de preços e surtos industrializadores.

### TERCEIRA PARTE

0. Cabe agora traçar um conjunto de linhas orientadoras no quadro da análise realizada que mais não é que o recolocar dos problemas, sugerir hipóteses, apontar pistas para futuras investigações sobre o comércio interno durante o Antigo Regime, a sua articulação com os movimentos industrializadores, com o crescimento do produto agrícola e, acima de tudo, o modo como a circulação de bens se dimensiona em termos espaciais.

1. As feiras de São Tiago e de Santo André têm decerto uma importância relativa e possivelmente não comparável às que ocorrem em toda a província alentejana, tradicionalmente conhecidas pela sua «grandeza», como é o caso das de São João, em Évora, de Vila Viçosa ou de Flor da Rosa. No entanto, a sua dimensão não nos interessa sobremaneira, sendo mais significativo fazer ressaltar o seu papel dentro do quadro predominantemente rural em que se insere.

Apesar de não possuímos indicações claras sobre o montante de transacções realizadas, o número considerável de lojas arruadas permite admitir que sejam volumosas, o que significa um grau de mercantilização da economia que sugere uma monetarização correspondente, o que de algum modo contraria as teses da restrita circulação de moeda e do peso marcante do autoconsumo.

Corroborando esta ideia, temos o espaço de influência que estas feiras, embora de uma forma irregular, conseguem comprometer, atraindo a si mercadores de quase todas as regiões do País. É evidente, porém, que o grosso dos feirantes

<sup>7</sup> *Ob. cit.*, p. 72.

<sup>8</sup> *Ob. cit.*, p. 245.



surge sempre das zonas circunvizinhas, salientando assim o carácter regional do mercado para o qual também contribui o arcaísmo dos meios e vias de comunicação. No entanto, não será de desprezar as linhas de circulação que se criam sobretudo a partir da região beirã, centrada na comercialização dos panos de linho, e que nos anos relativos ao século XIX recrudescem de importância, chegando quase a equiparar os da região envolvente.

Neste sentido, poderemos dizer que deveremos considerar dois níveis de influência das diversas regiões pela feira: um de dimensão regional, com uma área circular que poderá atingir um raio de aproximadamente 100 km; outro, que se intromete no primeiro ao mesmo tempo que se individualiza pelo circuito gizado, de mercadores itinerantes que durante uma determinada época do ano frequentam as diversas feiras do Alentejo, este já de maior extensão, designemo-la, por comodidade, de supra-regional.

Um outro aspecto que será de salientar é o que se prende com a fraca participação do litoral, quer o que se situa a ocidente quer a sul. Este facto sugere um interior que se auto-abastece, que possui uma lógica de mercado própria como que alheia a uma outra, do litoral e do grande centro económico que é Lisboa, virada para o Atlântico, dimensionada pelas coordenadas do comércio externo. Para mais, o tipo de procura privilegia a produção de carácter oficial e doméstica, um mercado dominado pelas feiras, um grupo considerável de mercadores de pequeno trato, um montante de transacções que se concentra em poucos meses do ano. São os sinais de uma ruralidade dominante que os engendra, que os limita, que os reproduz incessantemente.

2. Numa outra perspectiva, há um conjunto de problemas que se colocam na interpretação do comportamento das duas variáveis económicas que realizámos na segunda parte deste trabalho e que nós desejaríamos que fossem vistos como tal e não como conclusões ou modelos explicativos:

2.1. As baixas de preços dos produtos agrícolas, no caso de regiões menos comprometidas com os tratos comerciais costeiros, reflectem, quando entendidas no médio e longo prazo, períodos de expansão da produção agrícola, mais que eventuais crises-depressões do sector comercial. Essa expansão da produção agrícola, traduzindo-se num aumento do poder de compra das populações rurais, permitem uma maior procura de bens industriais que têm nas feiras o local privilegiado das suas transacções e, assim, um incentivo ao aumento da produção industrial, ainda que resultante de uma intensificação da produção doméstica e oficial.

2.2. Os períodos de alta dos preços, resultantes em muitos casos de quebras na produção agrícola, provocam uma diminuição na procura de bens provenientes do sector industrial e assim um atenuar do seu crescimento, senão mesmo movimentos de desindustrialização.

2.3. Assim sendo, os movimentos de industrialização-desindustrialização em regiões do interior poderão ser condicionados mais pela conjuntura agrícola que pelo comportamento das variáveis do comércio externo, na medida em que elas possuem uma lógica própria de desenvolvimento, em parte assente no aproveitamento dos seus próprios recursos e numa organização industrial forjada pela estrutura do comércio interno.

3. As investigações que desejamos prosseguir sobre a economia alentejana do século XVIII e princípios do século XIX permitirão no futuro enriquecer estes pro-



blemas saídos de uma primeira análise de algumas fontes locais, que por si só se tornam insuficientes, na medida em que se apresentam muito lacunares e também pelo facto de apenas permitirem visões sectoriais e muito localizadas. Fica, contudo, uma primeira reflexão e o delinear de algumas pistas que se nos afiguraram interessantes.

*David Justino*

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
da Universidade Nova de Lisboa

*Mafalda Soares da Cunha*



### **Neste número:**

João Carlos de Senna-Martinez  
IDEOLOGIA E PRÁTICAS FUNERÁRIAS NO MEGALITISMO  
DAS BEIRAS

A SEPULTURA PERIFÉRICA DO QUADRANTE NW DA  
MAMOA DO DÓLMEN N.º 1 DOS MOINHOS DE VENTO,  
ARGANIL

Maria José Pimenta Ferro Tavares  
PARA O ESTUDO DO POBRE EM PORTUGAL NA IDADE  
MÉDIA

António Carreira  
A COMPANHIA DE PERNAMBUCO E PARAIBA

Nuno Valério  
O PRODUTO NACIONAL DE PORTUGAL ENTRE  
1913 E 1947 — UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO

David Justino e Mafalda Soares da Cunha  
AS FEIRAS DE ESTREMOZ — UMA PRIMEIRA  
CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DOS MERCADOS  
REGIONAIS NO ANTIGO REGIME

RECENSÕES CRÍTICAS E NOTÍCIA